

Cellina Rodrigues Muniz
Universidade Federal do Rio
Grande do Norte – UFRN
E-mail: cellina.muniz@ufrn.br

Anna Beatrys Moura
Universidade Federal do Rio
Grande do Norte – UFRN
E-mail:
biatrys.moura.082@ufrn.edu.br

Gilvan Araújo de Almeida
Universidade Federal do Rio
Grande do Norte – UFRN
E-mail:
gilvan.araujo.137@ufrn.edu.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

A edição como prática discursiva: o caso das edições Clima (1978-1998)

*Editing as a discursive practice:
the case of edições Clima (1978-1998)*

*La edición como práctica discursiva:
el caso de edições Clima (1978-1998)*

Rodrigues Muniz, C., Beatrys Moura, A., & Araújo de Almeida, G. A
edição como prática discursiva: o caso das edições Clima (1978-
1998). Revista Eco-Pós, 27(2), 120-138.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i2.28234>

RESUMO

O artigo propõe a analisar a edição como prática discursiva a partir da Clima, livraria, gráfica e editora de Natal (RN). Sob o comando do jornalista Carlos Lima, entre 1978 e 1998, 195 títulos de norte-rio-grandenses foram publicados. Como recorte de uma pesquisa maior em andamento, o estudo toma como materiais de análise o catálogo dos títulos lançados e algumas matérias (notícias e resenhas) publicadas na imprensa. A partir da Análise do Discurso e da História da Cultura Escrita, busca-se aprender como o projeto editorial, nas décadas de 1980 a 1990, constituiu-se como prática discursiva no exercício de posições-sujeito implicadas em seu funcionamento e do uso de espaços e equipamentos da cidade ligados aos sujeitos e às ações da CLIMA. Pode-se afirmar que foi fundamental para consolidar uma comunidade discursiva de autores e leitores e o fortalecimento do campo editorial e literário.

PALAVRAS-CHAVE: *Edição; Prática discursiva; Campo discursivo; Clima; Rio Grande do Norte.*

ABSTRACT

The article proposes to analyze editing as a discursive practice based on Clima, a bookstore, printing house and publisher in Natal (RN). Under the command of journalist Carlos Lima, between 1978 and 1998, 195 titles from Rio Grande do Norte were published. As part of a larger ongoing research, the study takes as analysis materials the catalog of released titles and some articles (news and reviews) published in the press. From Discourse Analysis and the History of Written Culture, we seek to learn how the editorial project, in the 1980s to 1990s, was constituted as a discursive practice in the exercise of subject positions involved in its functioning and the use of spaces and city equipment linked to CLIMA subjects and actions. It can be said that it was fundamental to consolidating a discursive community of authors and readers and strengthening the editorial and literary field.

KEYWORDS: *Edition; Discursive practice; Discursive field; Clima; Rio Grande do Norte.*

RESUMEN

El artículo propone analizar la edición como práctica discursiva basada en Clima, librería, imprenta y editorial de Natal (RN). Bajo el mando del periodista Carlos Lima, entre 1978 y 1998 se publicaron 195 títulos de Rio Grande do Norte. Como parte de una investigación más amplia en curso, el estudio toma como materiales de análisis el catálogo de títulos lanzados y algunos artículos (noticias y reseñas) publicados en prensa. Desde el Análisis del Discurso y la Historia de la Cultura Escrita, buscamos conocer cómo el proyecto editorial, en las décadas de 1980 y 1990, se constituyó como una práctica discursiva en el ejercicio de posiciones de sujeto involucradas en su funcionamiento y el uso de espacios y equipamientos urbanos vinculados a los temas y acciones de CLIMA. Se puede decir que fue fundamental para consolidar una comunidad discursiva de autores y lectores y fortalecer el campo editorial y literario

PALABRAS CLAVE: *Edición; Práctica discursiva; Campo discursivo; Clima; Rio Grande do Norte.*

Submetido em 13 de maio de 2024.

Aceito em 08 de agosto de 2024.

Introdução

Suponhamos não saber quem foi Carlos Lima nem o que foi a *Clima*¹. Suponhamos, então, esbarrar com uma edição do jornal *O Galo*², mais precisamente a edição de agosto de 1992, na qual encontramos uma pequena nota, assinada pelo jornalista e crítico literário Nelson Patriota³. Bastaria essa nota para termos uma noção da presença de Carlos Lima e da *Clima* no cenário das letras da capital potiguar: “[...] fato a favor da boa fase da poesia neste fim de semestre é a notícia de que o livro “Alma minha gentil”, de Alex Medeiros⁴ está finalmente em fase de composição na *Clima* (Patriota, 1992, s.p). Nesse breve relato, podemos entrever o registro de algumas das figuras constituintes do circuito de comunicação do livro (Darnton, 2010) próprios da realidade editorial e literária da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte (RN), nos anos 1990: um autor e um crítico literário, figuras cujo elo se faz por meio de uma outra figura central, sem a qual não haveria livro: o editor. No caso, o editor Carlos Lima, sinônimo inequívoco da livraria, gráfica e editora *Clima*.

De 1978 a 1998⁵, foram publicados cerca de 195 (cento e noventa e cinco) títulos sob a chancela da *Clima*⁶, comandada pelo jornalista, livreiro e editor Carlos Lima (1941-1997). Nos mais diversos gêneros discursivos, esses títulos eram de autores e autoras exclusivamente locais,

¹ Carlos Alberto de Lima nasceu em Natal em 18 de janeiro de 1941. Estudou na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, trabalhou na *Folha da Tarde* e na Rádio Cabugi até assumir o cargo de assessor do prefeito Djalma Maranhão (1915-1971), conhecido por implementar o programa educacional *De pé no chão também se aprende a ler*. Com o Golpe Militar de 1964, Djalma Maranhão foi cassado e exilado e Carlos Lima ficou preso durante dez meses. No final da década de 1970, estabeleceu-se como empresário dos livros, criando a livraria *Clima*, logo convertida também em gráfica e editora. Carlos Lima ocupou-se com a *Clima* até sua morte em 1997, aos 56 anos. Um ano depois, após o lançamento de mais três títulos, o empreendimento foi encerrado. Para mais detalhes sobre a vida de Carlos Lima, ver Queiroz (2022).

² Jornal da Fundação Cultural José Augusto, vinculado ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Criado na década de 1980, depois de um período sem ser editado, voltou a circular em 2015.

³ Nelson Patriota (Natal, 1949- Natal, 2021) foi jornalista, sociólogo e escritor. Graduado em Ciências Sociais e Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Patriota desempenhou uma variedade de papéis e sua contribuição para a imprensa incluiu períodos como editor do jornal cultural *O Galo*, da Fundação José Augusto, de 1996 a 2001, bem como diretor de cadernos de cultura em importantes veículos como *A República*, *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal* e a revista *RN Econômico*. Além de sua atuação na imprensa, ocupou a cadeira número 8 na Academia Norte-rio-grandense de Letras e foi membro do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, do Instituto Histórico e Geográfico do RN (IHGRN) e do Conselho da Lei Câmara Cascudo, atuando ainda como biógrafo, revisor, organizador de antologias, consultor e tradutor.

⁴ O autor de *Alma Gentil* é, na verdade, Alex Nascimento, publicado pela *Clima* no mesmo ano de 1992, sendo esse o título de número 36 do catálogo.

⁵ Alguns títulos foram lançados em 1998, isto é, após a morte de Carlos Lima (cf. Queiroz, 2022).

⁶ A *Clima* chegou a ter quatro sedes onde funcionaram suas livrarias. Localizavam-se nos bairros da região central de Natal: Ribeira, Petrópolis, Cidade Alta e Alecrim.

uns estreantes, outros já consagrados no cenário cultural de Natal e do estado Rio Grande do Norte. A *Clima*, assim, aliou *experimentação* e *descoberta*, como ocorre geralmente com pequenas editoras (Schiffrin, 2006). Isso é suficiente para que qualquer pesquisador, profissional e/ou amante dos livros reconheça a importância de seu legado.

Neste artigo, debruçamo-nos sobre esse legado, tentando delinear alguns de seus aspectos discursivos, aspectos esses a serem interpretados com base em um pressuposto geral: a compreensão da *Clima* como um *projeto editorial* (Venâncio, 2016) que é, acima de tudo, uma *prática discursiva* (Maingueneau, 2015). Carlos Lima, com sua editora, deu oportunidade para autores locais publicarem seus livros. O resultado – os 195 (cento e noventa e cinco) títulos editados e publicados sob o slogan *Prestigiando o autor do Rio G. do Norte* – diz muito sobre a cultura escrita e impressa norte-rio-grandense nos anos de 1980 e 1990.

Nesse sentido, com base em princípios e procedimentos tanto da História do Livro como da Análise do Discurso, com este artigo também nos inscrevemos na perspectiva de uma linguística aplicada contemporânea (Lopes, 2006) que, a partir do entrecruzamento de áreas diversas de saber, permita a produção de conhecimento acerca de realidades marginais e/ou marginalizadas, como é o caso da cadeia produtiva do livro de outros centros urbanos que não os do centro-sul do país⁷.

A fim de abordar, então, a edição como prática discursiva⁸, faz-se necessário esboçar o campo discursivo editorial e literário em Natal a partir do projeto editorial da *Clima* nos anos de 1980 e 1990, para o que tomamos como objeto: a) o conjunto das funções discursivas (Foucault, 1995, 2006) implicadas nos exercícios dos sujeitos ligados às edições *Clima*; e b) os espaços na cidade que permitam mapear o circuito de circulação das edições *Clima*, tentando compreender a relação entre sua discursividade e a cidade (Orlandi, 2004).

⁷ Sem citar títulos, podemos afirmar que em muitos trabalhos que tratam do campo editorial e do mercado livreiro no Brasil, há um quase apagamento de regiões como o Norte e o Nordeste. Nesse sentido, nosso estudo busca uma visão anti-hegemônica, pautada no *pluriversalismo* (Lopes, 2006).

⁸ Embora muitos elementos e aspectos estejam atrelados às práticas ligadas à edição, ver, por exemplo, a obra *Tarefas da Edição*, organizada por Ribeiro e Cabral (2020) -, no recorte deste artigo optamos por nos deter na relação entre sujeitos e funções discursivas e no acontecimento dos lançamentos na cidade, conforme será visto.

Para isso, utilizamos dados construídos a partir de dois tipos de instrumentos metodológicos: os livros publicados com suas informações tipográficas e paratextuais (Genette, 2009) e as matérias jornalísticas (notícias e resenhas) sobre as edições *Clima* publicadas na imprensa local.

Assim, o artigo organiza-se: na primeira seção, ao tempo em que os conceitos de “campo discursivo” (Maingueneau, 2010, 2012) e de “função discursiva” e “posição-sujeito” (Foucault, 1995, 2006) são revisados, ilustramos esses conceitos com dados da própria *Clima*; em seguida, apresentamos alguns espaços e equipamentos mapeados (sobretudo por meio das matérias jornalísticas da época) que permitam compreender em parte a relação entre os lançamentos dos livros como acontecimento discursivo inscrito na vida da cidade (Orlandi, 2004).

Por fim, à guisa de conclusão, discorreremos sobre alguns desdobramentos da *Clima* no tempo presente, concebendo-a, assim, como condição de possibilidade para a emergência de novos aspectos do campo discursivo editorial em Natal na atualidade.

1 A *Clima* e o campo discursivo editorial em Natal nos anos de 1980 e 1990

Para compreender minimamente as práticas discursivas que constituíram o projeto editorial da *Clima*, bem como sua presença no campo discursivo editorial do município de Natal nos anos de 1980 e 1990, é necessário compreender primeiramente algumas noções.

A primeira diz respeito à concepção de livro como *objeto cultural*, o que implica *analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade*, tal como o historiador do livro e da cultura impressa Robert Darnton propõe.

Segundo Darnton (2010), a figura do editor mobiliza uma série de figuras (fornecedores, gráficos, distribuidores, livreiros) para que o livro chegue até as mãos dos leitores, em um percurso condicionado por uma conjuntura econômica e social, com sanções políticas e legais, bem como influências intelectuais e publicitárias. Assim, cabe considerar o conjunto dessas condições e figuras, ou seja: trata-se de descrever e analisar como se constitui

o “circuito de comunicações” que o livro percorre em direção “a leitores implícitos e resenhistas explícitos” (Darnton, 2010, p. 126).

Junto a essa concepção, podemos fazer um paralelo com o conceito de “campo discursivo”, proposto por Maingueneau (2010). Segundo o autor, para além da presença de atores, posições e lutas por autoridade, tal como na noção de campo social de Bourdieu, é preciso também pensar o campo discursivo como “um espaço no interior do qual interagem diferentes posicionamentos, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação” (Maingueneau, 2010, p. 50). E acrescenta: não se trata de abordar o posicionamento no campo apenas como doutrina, escola, teoria, partido, tendência etc., e sim de considerar o “sistema de relação com outros discursos por meio do qual ele se constitui e se mantém” (Maingueneau, 2010, p. 50).

Em direção, pois, a esse *sistema de relações*, podemos nos valer dos estudos de Thompson (2013) sobre o mercado livreiro. Ainda que sua abordagem se volte para o caso das grandes corporações empresariais no Reino Unido e nos EUA no século XXI, podemos fazer uso de sua descrição do campo das publicações comerciais para pensar a inscrição da *Clima* no campo discursivo editorial em Natal nos anos de 1980 e 1990.

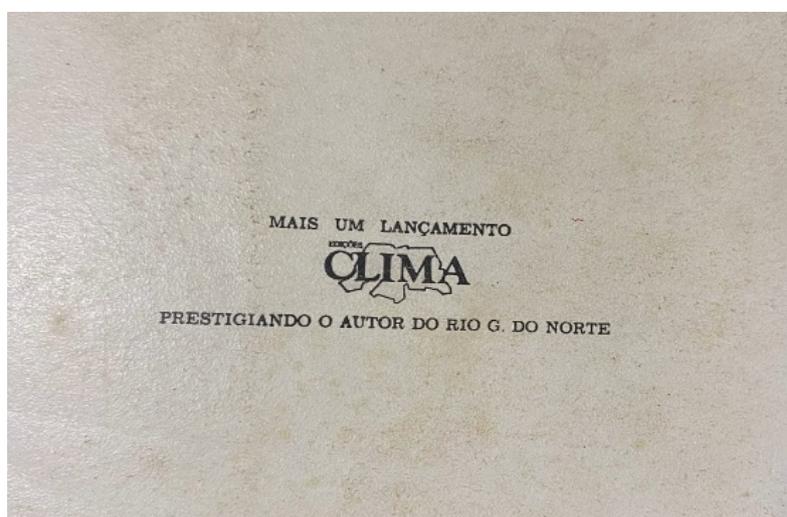
Segundo Thompson (2013), esse campo de publicações pode ser pensado, de um lado, nas poucas corporações, isto é, as grandes editoras já consolidadas e que ocupam a maior parte do mercado, e, de outro lado, as muitas operações editoriais, como editoras independentes, associações comerciais, instituições educacionais e empresas de médio porte. O fato é que há uma relação de coocorrência e concorrência na disputa pelo público leitor.

Quando a *Clima* se lançou no mercado livreiro como selo editorial, em 1978, assumindo como slogan o enunciado *Prestigiando o autor do Rio G. do Norte*, estabeleceu um lugar no campo discursivo editorial e literário. Esse campo, a princípio, ocupado quase exclusivamente pela Fundação José Augusto (o órgão de cultura do governo estadual)⁹, logo

⁹ Ver, a esse respeito, o que assinala Laurence Hallewell no *O livro no Brasil* - “Natal, a cerca de 180 quilômetros mais ao norte, tem a Fundação José Augusto, criada em 1963, pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, para estimular a cultura e a

teria maior movimentação com a *Clima*, que demarcou uma relação de diferenciação: não se tratava, por exemplo, de uma editora de livros didáticos ou de uma simples distribuidora de outros empreendimentos e produtos do mercado livreiro do país, advindos de grandes centros urbanos como São Paulo (SP) ou Rio de Janeiro (RJ). Essa especificidade se manifestou por meio de “um modo de organização social e um modo de existência de textos” (Maingueneau, 2006, p. 41). Vejamos a Figura 1 que apresenta a logomarca das *Edições da Clima*.

Figura 1 - Logomarca das Edições *Clima*¹⁰



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao longo dessa existência, considerando o campo editorial local, a *Clima* foi se firmando cada vez mais numa posição central, efetivando-se no mercado livreiro local, o que se liga a alguns fatores, a saber: a) mobilização de nomes recorrentes em suas funções; e b) uma crescente repercussão do acontecimento de seus lançamentos, o que por sua vez implicava uma efervescência de usos e espaços sociais, conforme veremos a seguir.

pesquisa social locais, mas não se conhece no estado quase nenhuma outra atividade editorial digna de nota” (Hallwewll, 2012, p. 697).

¹⁰ Com o nome sobreposto ao desenho do mapa do estado, em formato similar ao de um elefante.

2 A *Clima* e suas funções discursivas

É no modo de existência dos textos (publicados em forma de livros pela *Clima*) que se evocam a *função discursiva* e as *posições sujeito* propostas por Foucault (1995, 2006).

Na conferência intitulada *O que é um autor?*, de 1969, Foucault destaca a necessidade de abordar a autoria para além da relação entre um indivíduo e um nome próprio: trata-se, antes, de pensar em termos de exercício de uma função discursiva, caracterizada então por quatro aspectos:

Eu os resumirei assim: a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso a seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar (Foucault, 2006, p. 279-80).

O último desses aspectos apontados por Foucault (2006) é o que nos interessa neste artigo, as posições-sujeito, ou o que ele também designa como *egos* (sem necessariamente um viés psicanalítico):

Todos os discursos que possuem a função autor comportam essa pluralidade de ego. O ego que fala no prefácio de um tratado de matemática – e que indica suas circunstâncias de composição – não é idêntico nem em sua posição nem em seu funcionamento àquele que fala no curso de uma demonstração e que aparece sob a forma de um "Eu concluo" ou "Eu suponho": em um caso, o "eu" remete a um indivíduo sem equivalente que, em um lugar e em um tempo determinados, concluiu um certo trabalho: no segundo, o "eu" designa um plano e um momento de demonstração que qualquer indivíduo pode ocupar, desde que ele tenha aceito o mesmo sistema de símbolos, o mesmo jogo de axiomas, o mesmo conjunto de demonstrações preliminares. Mas se poderia também, no mesmo tratado, observar um terceiro ego: aquele que fala para dizer o sentido do trabalho, os obstáculos encontrados, os resultados obtidos, os problemas que ainda se colocam: esse ego se situa no campo dos discursos matemáticos já existentes ou ainda por vir. A função autor não está assegurada por um desses egos (o primeiro) às custas dos dois outros, que não seriam mais do que o desdobramento fictício deles. E preciso dizer, pelo contrário, que, em tais

discursos, a função autor atua de tal forma que dá lugar à dispersão desses três egos simultâneos (Foucault, 2006, p. 279).

Partimos, pois, dessa noção de posições-sujeito para tratar das funções discursivas implicadas no funcionamento da *Clima*, todas elas ligadas entre si através da figura do editor, encarado também como uma função discursiva e o grande elo entre autores e leitores. Nesse percurso, outras figuras igualmente importantes (ainda que menos visíveis), como os profissionais ligados à própria produção material do livro, apontados no esquema de Darnton (2010), podem ainda ser enumerados: tradutores, revisores, diagramadores, designers, agentes gráficos etc.

Em torno do editor Carlos Lima, alguns nomes podem ser indubitavelmente atrelados ao circuito da *Clima*. A relação entre esses nomes e suas respectivas funções é discutida rapidamente a seguir.

Vejamos um exemplo em particular, escolhendo um dos títulos do catálogo da *Clima*. O caso de *Musa do Verão: 50 poemas mais ou menos livres*, livro de Nei Leandro de Castro¹¹, publicado em 1984, sendo o número 32 (trinta e duas) da coleção. Nos *bastidores* desse título publicado, uma parceria firme tornou-o possível: a relação entre autor, artista gráfico e editor.

Essa parceria entre Nei Leandro de Castro, Marcelo Mariz e Carlos Lima na editora *Clima* começou antes, com o título *Jogo da Criação* (número 25), de Irma Chaves, publicado no mesmo ano de 1984. Ao todo, Marcelo Mariz¹² fez o projeto gráfico de 48 (quarenta e oito) capas dos livros da *Clima*, sendo 13 (treze) delas em parceria com Nei Leandro (cf. Queiroz, 2022).

¹¹ Nascido em 1940 na cidade de Caicó, Rio Grande do Norte, Nei Leandro mudou-se para Natal aos cinco anos de idade, formou-se em Direito, mas atuou como ficcionista, poeta, jornalista e publicitário. Sua obra é marcada pela exploração do erotismo e da cultura popular sertaneja. A mudança para o Rio de Janeiro em 1968 marcou um período de intensa atividade criativa para Castro, que passou a escrever sob o pseudônimo de Neil de Castro no Pasquim, importante veículo da contracultura brasileira. Nos anos 80, voltou a Natal, quando data sua participação junto à *Clima*. Dentre suas obras mais notáveis estão os volumes de poesia *Zona Erógena* e *Era uma Vez Eros*, nos quais explora de maneira sensível e provocativa a temática do erotismo. No campo do romance, destacam-se títulos como *O Dia das Moscas*, *As Dunas Vermelhas* e *As Pelejas de Ojuara*, esse último agraciado com o reconhecimento da União Brasileira de Escritores e, em 2007, adaptado para o cinema em uma coprodução com a Warner Bros e a Globo Filmes sob o título *O homem que desafiou o diabo*. Atualmente, reside no Rio.

¹² Marcelo Mariz é designer e publicitário autodidata. Passou pela Dumbo Publicidade e atualmente é proprietário da Mariz Comunicação Integrada, em Natal. (*Clima*, 1984).

Esse é um dentre tantos outros casos que confirmam que a *Clima* funcionou com base na presença de alguns nomes mais atuantes. A presença recorrente de determinados nomes em algumas das funções discursivas implicadas no funcionamento da *Clima* pode ser descrita quantitativamente, conforme indica, em parte, a tabela a seguir, na qual se assinalam alguns dos nomes que atuaram em mais de uma edição. Havia, ainda, o caso desses nomes se alternarem em diferentes posições ou funções, indicando uma pluralidade de exercícios discursivos.

Tabela 1 - Correspondência quantitativa entre alguns dos nomes recorrentes e funções exercidas na *Clima*, incluindo reedições

Nome	Função (autor/organizador)	Função (revisor)	Função (prefaciador)	Função (arte/projeto gráfico)
Celso da Silveira	11 edições	16 edições	2 edições	--
Manoel Onofre Jr.	5 edições	1 edição	--	--
Alex Nascimento	2 edições	--	--	--
Luís Carlos Guimarães	2 edições	--	1 edição	--
Marcelo Mariz	--	--	--	48 edições
Newton Navarro	1 edição	--	1 edição	11 edições
Tarcísio Gurgel	2 edições	--	--	--
Vicente Vitoriano	--	--	--	10 edições
Elma Luzia Mousinho	3 edições	--	--	--
Francisco Amorim	5 edições	--	--	--
Gizelda Braz	2 edições	--	--	--
Hélio Galvão	2 edições	--	--	--
João Alfredo Pessoa de Lima Netto	5 edições	4 edições	--	--
José Alexandre Garcia	5 edições	--	--	--
Waldir Reis Espínola	3 edições	--	--	--
Cláudio Sendin	1 edição	--	--	2 edições
Dorian Grey	1 edição	--	--	10 edições
Nei Leandro de Castro	1 edição	--	2 edições	13 edições
João Alfredo P. L. Netto	3 edições	4 edições	--	--
Maria da Salette Lima	--	5 edições	--	--
Moisés Villar	--	4 edições	--	--
Cláudio Oliveira	1 edição	--	--	2 edições
Aucides Sales	--	--	--	4 edições
Franklin Jorge	2 edições	--	1 edição	--

Fonte: Levantamento com base na catalogação da pesquisa dos autores e em Queiroz (2022).

Assim, esse levantamento quantitativo indica a presença recorrente de alguns nomes no exercício de diferentes funções discursivas (autor, revisor, prefaciador, artista gráfico/diagramador¹³), o que, por sua vez, nos permite compreender que o projeto editorial da *Clima* se constituiu e se fortaleceu justamente por meio de parcerias profissionais consistentes junto ao editor Carlos Lima.

Tais parcerias – que podem ser compreendidas então como uma das condições de produção e funcionamento da *Clima* enquanto prática discursiva – atrela-se, também, a uma característica própria de tantos outros projetos editoriais: sua tentativa de inscrição diferenciada no campo discursivo editorial¹⁴. No caso, a estratégia foi publicar exclusivamente autores norte-rio-grandenses.

De fato, a constância dessas parcerias entre diversos nomes do cenário local (em diversas funções) junto ao editor Carlos Lima pode ser observada na entrevista, no relato de um desses sujeitos. Em crônica publicada sob o título *Lembrança de Carlos Lima*, o autor Manoel Onofre Jr. recorda o primeiro dos seus cinco títulos lançados pela *Clima*:

Foi um êxito. Em poucos meses esgotou-se a primeira edição (mil exemplares). Era o ano de 1979. A *Clima*, livraria e editora, instalada na Rua Dr. Barata, na velha Ribeira, já havia se tornado importante ponto de referência para a intelectualidade natalense. Acreditando no escritor potiguar, editava numerosos títulos. Eu me sentia orgulhoso em integrar a prestigiosa coleção, na qual alinhavam-se escritores como Celso da Silveira, Myriam Coeli, Marize Castro e Alex Nascimento (Onofre Jr., 2019, p. 51).

A propósito desse relato, além do fortalecimento da *Clima* no campo editorial da cidade de Natal, nas décadas de 1980 e 1990, a partir das parcerias e funções de nomes recorrentes, o que também pode ser entrevisto é outro aspecto que faz da edição uma prática discursiva: os usos dos espaços na cidade, tema da próxima subseção.

¹³ Para mais detalhes sobre essas e outras funções ligadas à cadeia produtiva do livro, remetemos novamente à obra de Ribeiro e Cabral (2020).

¹⁴ Ver, a esse respeito, os exemplos dos relatos de editores de grandes editoras do século XX, como Roberto Calasso, da Adelphi (Calasso, 2020), ou Kurt Wolff (2018).

3 A *Clima* e os espaços da cidade

Com base na leitura e análise de matérias jornalísticas, particularmente notícias e resenhas sobre os títulos lançados (publicadas nos jornais *Diário de Natal* e *O Galo* e disponibilizados na Hemeroteca digital), é possível traçar um mapeamento desses usos no cenário urbano de Natal nas décadas de 1980 e 1990. Até o momento presente da pesquisa (primeiro semestre de 2024), no total, foram localizadas 87 (oitenta e sete) referências de lançamentos entre os anos de 1978 e 1989. Dessas referências, temos os seguintes números, conforme o tabela abaixo:

Tabela 2 - Lançamentos das edições *Clima* em Natal entre 1978-1989

Espaço de lançamento	Anos	Quantidade de lançamentos
Livraria Clima (Centro Comercial Aluizio Bezerra)	1978-1988	39 títulos
Bar O Kazarão	1983-1989	15 títulos
Academia Norte-rio-grandense de Letras	1986-1989	4 títulos
Instituto Histórico e Geográfico (RN)	1987-1989	3 títulos
Centro de Convivência Djalma Maranhão (UFRN)	1984	2 títulos
Bar executivo da Associação Comercial	1986-1987	2 títulos
Solar Bela Vista	1984 e 1989	2 títulos
Hotel Samburá	1989	2 títulos
Teatro Alberto Maranhão	1978	1 título
Casa da MPB	1981	1 título
Loja Maçônica Bartolomeu Fagundes	1981	1 título
Bar de Lourival	1984	1 título
Jiqui Country Club	1985	1 título
Bar Mintchura	1985	1 título
Beco da música	1985	1 título
Nick Buffet	1985	1 título
Churrascaria Rodeio	1987	1 título
Telecomunicações do Rio Grande do Norte (Telern) – Tirol	1987	1 título
Associação dos Subtenentes e Sargentos do Exército de Natal (ASSEN)	1987	1 título
Centro Pauferrense de Natal	1987	1 título
Biblioteca Câmara Cascudo	1987	1 título
Sede da Associação dos Professores	1987	1 título

Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte	1988	1 título
Mil e uma noites	1988	1 título
Sede do Conselho Estadual de Cultura	1988	1 título
Fundação Hélio Galvão	1989	1 título

Fonte: Levantamento realizado pelos autores.

Assim, percebemos que os lançamentos oscilam entre espaços tidos como mais formais (Academia de Letras, Instituto Histórico e Geográfico etc.) e espaços mais informais, como bares e restaurantes. Em geral, nesse recorte, dois espaços na cidade se destacam: primeiramente, a própria Livraria da *Clima* (palco da maioria dos lançamentos) e, em segundo lugar, o Bar O Kazarão.

O lançamento de um livro é um momento celebrativo, convocador de múltiplos sujeitos, ocasião em que um projeto editorial se materializa e (se) significa (n)a cidade. Em *Cidade dos Sentidos*, Eni Orlandi (2004), aborda as relações entre o espaço urbano e a inscrição de significações. Para a autora, lugares onde se cruzam sujeitos, vidas e espaços, sentidos também circulam, assim como gestos de interpretação que habitam a cidade e a des/organizam. Nas palavras de Orlandi:

num espaço (habitado) de memória, de subjetividades, a história se formula na noção de “eu” urbano. Esse sujeito, por sua vez, como está produzindo sentidos na cidade - textualizando sua relação com objetos simbólicos nesse mundo particular do urbano - vai produzir uma realidade que é estruturada de tal maneira que nos vai dar, enquanto analistas, uma imagem de texto, do acontecimento urbano, que é histórica e que se apresenta em seus vestígios (Orlandi, 2004, p. 28).

Dessa forma, nos rastros de uma Natal da segunda metade do século XX, resgatada pelas textualizações de notas jornalísticas, apreendemos o evento de lançar um livro enquanto um acontecimento que suscita relações dos sujeitos com a cidade (seus gestos de interpretação). Mais especificamente, observamos os percursos por onde se consagra tal objeto simbólico, com algumas de suas ir/regularidades.

As livrarias da *Clima* eram mais que um espaço de comercialização de livros, eram espaços de encontro e de convivência. Tal como em tantos outros casos, a sociabilidade

literária era (e é) vivenciada na livraria¹⁵. Sendo a *Clima* simultaneamente livraria e gráfica, pode-se supor sua presença como elemento fundamental na formação e veiculação de ideias através da cadeia de impressos (livros, revistas, folhetos, jornais) que fazia circular na cidade (Venâncio, 2016). Isso se manifestava, também, por meio dos lançamentos.

A nota a seguir, que noticia um daqueles muitos eventos da *Clima*, dá uma ideia dessa sociabilidade:

Hoje, às 18 horas, no CCAB16, o lançamento do livro de Myriam Coeli 'Cantigas de Amigo'. O convite é [da] CLIMA [...] e do marido da poetisa¹⁷ [...], que advertem: SEXTA-FEIRA; 13, você é um dos 13 convidados. Vá e leve outros 13 amigos (Macedo, 1981, p. 2).

Em paralelo ao espaço da própria livraria como palco de acontecimento do livro na cidade, como afirmamos antes, outro que precisa ser mencionado é o bar. Em outra nota jornalística sobre outro lançamento da *Clima*, lê-se o seguinte: "Tudo indica que a moda pegou. Melhor lançar livros nos bares do que nas livrarias. Quarta-feira, Caio Flávio Fernandes de Oliveira estará no Kazarão, lançando 'Amnésia Estratégica'" (Câmara, 1983, p. 4).

O Kazarão foi um bar localizado na avenida Campos Sales, no bairro natalense de Petrópolis, comandado por Luiz Carlos Abbott Galvão e Themístocles Amador entre os anos de 1973 e 1993 (Ribeiro, 2018). No exemplo dessa nota, subentende-se a indicação de um rompimento de um lugar comum (pelo menos na realidade de Natal nos anos de 1980): o livro lançado na livraria. Com a *moda* dos bares, impõe-se um novo gesto de interpretação local para o espaço do bar, comumente restrito ao consumo de bebidas/alimentos e à apresentação de artistas.

¹⁵ Ver, por exemplo, o caso da livraria e editora José Olympio, que na sua sede localizada no centro do Rio de Janeiro reuniu grandes nomes da literatura brasileira, tal como revela o seguinte trecho em carta assinada pelo próprio livreiro e editor: "Graciliano (Ramos) quando não estava em casa, passava o dia na livraria que era o centro intelectual do Brasil" (Sorá, 2010, p. 220). Remetemos, ainda, à obra de José Luiz Tahan, proprietário da Livraria Realejo, em Santos, também editor e produtor do festival Tarrafa Literária. Nas suas crônicas, registra impressões sobre os encontros no seu dia a dia como livreiro (Tahan, 2023).

¹⁶ Sede da livraria da *Clima* localizada no bairro de Petrópolis, comumente designada como CCAB (por se situar no chamado Centro Comercial Aluizio Bezerra).

¹⁷ Tratava-se de Celso da Silveira (1929-2005), jornalista, poeta e pesquisador, um dos nomes peça-chave da *Clima* e que, conforme indicado na tabela 1, exerceu várias funções junto ao *amigo-irmão* Carlos Lima (Queiroz, 2022; Onofre Jr., 2019).

Mas, se por um lado há uma quebra da expectativa típica relacionada ao objeto livro, por outro lado, essa suposta reinvenção da funcionalidade do espaço *bar*, implica uma reatualização de uma longa tradição: a de confluência entre a boemia e as letras.

Na descrição do campo literário, Maingueneau (2001) evoca os espaços dos salões e dos cafés, entre os séculos XVII e XIX, onde se declamavam e circulavam textos literários para grupos e pares específicos, os quais preservavam uma certa erudição e intelectualização do artefato literário, seja no restrito acesso à tal esfera, seja na legitimação de modos de enunciação literária (ver, por exemplo, o privilégio da forma soneto).

Por esse viés histórico, vemos a instauração de uma cultura em que o livro se significa legitimamente em determinados espaços (e para determinados sujeitos) em detrimento de outros. Portanto, é na contramão da sacralização de lugares comuns (bibliotecas, academias, associações etc.) que o livro no bar se manifesta, des/organizando – como se refere Orlandi – a cidade.

Além do Bar Kazarão, outros bares foram também palco de lançamentos da *Clima*, reatualizando essa tradição entre letras e boemia assinalada por Maingueneau (2001). É o que se entrevê na nota seguinte:

Hoje, às dezoito horas, no Bar da Associação Comercial, na Ribeira, a Editora Clima fará a festa de lançamento do primeiro livro de memórias do empresário e escritor Júlio César de Andrade “História da Minha Vida”. O autor, juntamente com o editor Carlos Lima receberão os convidados e os amigos para coquetel e autógrafos (Macedo, 1987, p. 2).

Se por um lado o bar – enquanto palco de lançamento – se apresenta como um ambiente plural em contraposição aos espaços fechados por sujeitos ocupantes de posições específicas, por outro, parece emergir de uma tensão entre a acessibilidade/informalidade e uma certa gravidade por circundar atividades de setores mais exclusivos – as *sociedades de discurso*, como diria Foucault (2001)¹⁸: isto é, escritores e seus livros.

¹⁸ Segundo Foucault (2001, p. 39), as sociedades de discurso funcionam como um dos procedimentos de controle e organização dos discursos baseado na rarefação dos sujeitos, os quais produzem e conservam discursos em espaços fechados e segundo regras restritas.

A dimensão de acontecimento urbano do livro, dessa maneira, opera novamente no sentido de mobilizar gestos de interpretação que se confrontam simbolicamente com projeções subjetivas regulares, desautomatizando (ou desorganizando) sentidos da/na cidade.

Conclusão

No artigo apresentamos como a edição pode ser encarada como uma prática discursiva, tomando como exemplo as edições *Clima*, projeto editorial que aconteceu em Natal entre 1978 e 1998. Já que analisar uma prática discursiva implica se debruçar sobre as condições em que sua discursividade acontece, podemos afirmar que como projeto editorial e prática discursiva, teve como algumas de suas condições de possibilidade tanto: 1) o exercício e a alternância de funções por nomes recorrentes do cenário local, bem como; e 2) o uso de espaços urbanos fundamentais na sociabilidade editorial e literária da cidade.

Em relação à primeira dessas condições, ao observar que algumas das frentes de ação implicadas na produção do livro (escrever, revisar, prefaciá-lo, diagramar etc.) exercidas recorrentemente pelos mesmos indivíduos, alternando-se alguns desses, muitas vezes, em diferentes funções (ora como autor, ora como revisor, ora como artista gráfico etc.), confirmamos a necessidade de uma rede consistente de apoio para um pequeno empreendimento regional, na mesma perspectiva apontada por André Schiffrin (editor por 30 anos da *Pantheon*), segundo o qual, em se tratando de mercado editorial independente, os recursos são sempre muito limitados (Schiffrin, 2006). Na orquestração dessas funções discursivas e posições-sujeito, o caso da *Clima* reafirma a centralidade da função do editor.

Já a respeito da segunda condição, acreditamos que, para além dos eventos de lançamento e da inscrição do livro como acontecimento na cidade à época de sua publicação, o que mais se destaca é a compreensão do projeto editorial da *Clima* como um elemento de suma relevância no fortalecimento e continuidade do *campo discursivo* (Maingueneau, 2010) literário e editorial em Natal, para além dos maiores centros comerciais do mercado livreiro do país: ao estabelecer seu projeto editorial, a princípio bancando inicialmente 100% o dos custos de

produção do livro, em seguida recorrendo à divisão dos gastos e às coedições¹⁹, Carlos Lima contribuiu para a permanência e a continuidade no circuito profissional do livro de muitos dos sujeitos que estrearam ou passaram pela *Clima*, tanto como autores como editores.

Muitos exemplos poderiam ser citados nessa direção, mas, para encerrar, aludimos apenas a um: a presença de autoras mulheres no catálogo. Dentre os 195 (cento e noventa e cinco) títulos lançados nos anos de 1980 e 1990, podemos elencar 32 (trinta e dois) títulos assinados por autoras²⁰. Dentre elas, merece destaque o caso da poeta e jornalista Marize Castro, cuja estreia em livro se deu pela *Clima*, com “*Marrons Crepons Marfins*”, 1984, e, posteriormente lançaria mais sete livros de poesia, além dela mesma se firmar como editora na cidade, criando, em 2005, seu próprio selo editorial, o UNA.

Enfim, esses são alguns dos muitos desdobramentos na cultura dos livros e dos impressos em Natal que atestam, sem dúvida, a importância do legado de Carlos Lima, um editor que soube reafirmar a máxima atribuída a Tolstói: *se queres ser universal, canta tua aldeia*.

Referências

CALASSO, Roberto. *A marca do editor*. Tradução de Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Editora Âiné, 2020.

CÂMARA, Cassiano Arruda. Lançamento. *Diário de Natal*. Natal, n. 215, 12 nov. 1983. Roda viva, p. 4.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁹ De acordo com o levantamento de Queiroz (2022) foram 28 (vinte e oito) coedições junto a: Fundação José Augusto, Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, Assembleia Legislativa do Estado e Sebo Vermelho.

²⁰ São elas: Myriam Coeli (*Cantigas de Amigo*, 1980), Maria Lúcia de Lima Macedo (*Imagens do Tempo*, 1981), Sônia Maria Ferreira (*Sonância*, 1983 e *De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado*, 1986), Irma Chaves (*Jogo da Criação*, 1984), Maria Cléia da Trindade (*Início da Manhã*, 1984), Maria Lúcia de Oliveira Brandão (*Chocolate Amargo*, 1984 e *Circo de Papel*, 1985), Cristiana Maria Ferreira Costa (*Uma Jogada Fatal*, 1985), Elma Mousinho (*Algemas de sol e chuva*, 1986, *Cercas da Opressão*, 1987 e *Correio para o Céu*, 1987), Edna Duarte (*Liquidação Final*, 1986), Diva Cunha (*Canto de Página*, 1987), Maria das Dores Varela da Barca Bacurau (*Vozes da Alma*, 1987), Maria do Socorro Batista Martins (*Palco da Vida*, 1987), Maria Campos (*Minadouro*, 1987), Lucinha Morena (*Enigma Feiticeiro*, 1988), Gizelda Braz (*Riscos de Lápis*, 1988 e *A Flor do Dia*, 1989), Maria Simonetti Gadelha Grilo (*Buscando a luz sobre Nisia Floresta*, 1989), Rejane Cardoso (*Erasmus Xavier: o elogio do delírio*, 1989), Myriam Gurgel Maia (*De boca em boca*, 1989), Mailde Pinto Galvão (*1964. Aconteceu em Abril*, 1994), Águeda Ferreira (*Raízes de Mim: poesias*, 1994), Graziela Costa Fonseca (*Estórias que Dadá Contava*, 1998) e Hermenegilda Isabel Moura (*Gilda*, 1998).

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 4. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: Motta Manoel Barros da (org.). *Michel Foucault – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 265-298. (Coleção Ditos e Escritos, vol. III).
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- LOPES, Luiz Paulo Moita. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MACEDO, Paulo. Cantigas de Amigo. *Diário de Natal*, Natal, n. 11.200, 13 fev. 1981. Paulo Macedo, p. 2.
- MACEDO, Paulo. História da Minha Vida. *Diário de Natal*, Natal, n. 75, 24 abr. 1987. Paulo Macedo, p. 2.
- MACEDO, Paulo. O livro de Hélio Dantas. *Diário de Natal*, Natal, n. 153, 10 ago.1988. Paulo Macedo, p. 2.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas de enunciação*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar edições, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. Campo discursivo: a propósito do campo literário. Tradução de Fernanda Mussalim. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de; POSSENTI, Sírio (orgs.). *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ONOFRE Jr., Manoel. *Simplemente humanos*. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2019.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.
- QUEIROZ, Geraldo. *Um editor camarada*. Natal: Offset, 2022.

RIBEIRO, Ana Elisa; CABRAL, Cléber Araújo. *Tarefas da edição*: pequena mediapédia. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020.

RIBEIRO, Ramon. Minha área: cinquenta anos de balcão de bar. *Tribuna do Norte*, 25 ago. 2018. Disponível em <https://tribunadonorte.com.br/tn-familia/minha-area-50-anos-de-balcao-de-bar/>. Acesso em: 6 maio 2024.

SCHIFFRIN, André. *O negócio dos livros*: como grandes corporações decidem o que você lê. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

SORÁ, Gustavo. *Brasileiras*: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Art, 2010.

TAHAN, José Luiz. *Um intrépido livreiro nos trópicos*: crônicas, causos, resmungos. São Paulo: Vento Leste, 2023.

THOMPSON, John B. *Mercadores de cultura*: o mercado editorial no século XXI. Tradução de Alzira Allegro. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 2013.

VENÂNCIO, Giselle (org.). *Intelectuais e palavra impressa*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

WOLFF, Kurt. *Memórias de um editor*. Tradução de Flávio Quintale. Belo Horizonte: Editora Âiné, 2018.

Cellina Rodrigues Muniz - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DLET-PPgEL/UFRN).
E-mail: cellina.muniz@ufrn.br

Anna Beatrys Moura - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Licencianda em Letras-Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista voluntária de Iniciação Científica no projeto *As edições Clima: uma abordagem discursiva*.
E-mail: biatrys.moura.082@ufrn.edu.br

Gilvan Araújo de Almeida - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Graduando em Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista de Iniciação Científica (IC-CNPq) no projeto *As edições Clima: uma abordagem discursiva*.
E-mail: gilvan.araujo.137@ufrn.edu.br